

5. Sala de Professores: espaço de socialização profissional?

“A sala dos professores funciona como se tratasse de um “mercado profissional”, onde saberes e experiências profissionais diversos são (des)valorizados conforme são ou não reconhecidos como legítimos pelo grupo e pela sua hierarquia profissional, potenciando ou limitando os investimentos de capital profissional, de cada um, nas actividades e espaços da escola.” (Caria, 2000, p. 283)

A socialização primária desenvolve-se na infância, nas primeiras relações da criança com o meio social, família e escola. A socialização secundária compreende um processo subjacente que introduz o sujeito já socializado ao mundo social, compreende, portanto, a incorporação dos saberes profissionais, saberes mais especializados que vão garantir a inserção do indivíduo ao ambiente de trabalho (BERGER & LUCKMANN, 1996).

Para esses autores (p. 184-185):

A socialização secundária é a interiorização de “submundos” institucionais ou baseados em instituições. A extensão e carácter destes são portanto determinados pela complexidade da divisão do trabalho e a concomitante distribuição social do conhecimento. [...] a socialização secundária é a aquisição do conhecimento de funções específicas, funções directa ou indirectamente com raízes na divisão do trabalho.

Segundo Claude Dubar:

Só a socialização secundária pode produzir identidades e actores sociais orientados pela produção de novas relações sociais susceptíveis de se transformarem elas próprias, através de uma acção colectiva eficaz, isto é, duradoira. (1997, p. 99)

A perspectiva contemporânea da socialização da educação concebe a socialização como um processo ativo e interativo do sujeito com o ambiente social.

A socialização não pode reduzir-se a um processo de aprendizagem e integração social. Uma visão mais ampla evidencia o protagonismo do indivíduo neste processo. Na relação com o outro, mediada pela linguagem, o sujeito vai construindo sua identidade e incorporando diferentes papéis sociais, num processo

constante, como afirma Foucault (1984), de (re)construção do eu, (re)inventando-se a cada dia.

Na concepção de Setton (2008, p. 01), socialização é um “conjunto expressivo de práticas de cultura que tecem e mantêm os laços sociais”. Esta perspectiva aborda a dimensão plural da experiência social, no processo interativo do indivíduo com a sociedade, no qual, segundo Corcuff (2001), o sujeito é produzido e atua como produtor nas suas distintas interações sociais.

O processo de socialização compreende as disposições culturais que são incorporadas pelos indivíduos ao longo de sua trajetória pessoal, nas múltiplas experiências vividas. Processo esse que é construído na relação do indivíduo com a cultura na qual está inserido e com outros atores sociais.

Um processo que não é linear, tampouco se encerra em um determinado momento existencial. Para Dubet (1996), o sujeito social é inacabado. No mundo contemporâneo, ele está em constante construção, na multiplicidade de experiências que vivencia no mundo social.

Na sociologia da experiência de Dubet (ibid), o indivíduo não adere totalmente a nenhum papel social, mas combina diferentes lógicas de ação, nos diferentes contextos sociais em que atua, de acordo com o papel que desempenha. Como analisa Lahire (1988), é um processo ininterrupto de formação e transformação social.

Tomando como base esta dimensão do processo de socialização, podemos considerar que a socialização profissional do docente é construída na transmissão dos valores da profissão, impactado pela origem social do professor, sua classe social, sua formação, as experiências institucionais vivenciadas, dentro e fora do ambiente escolar.

Partindo dessa perspectiva, a socialização profissional é determinada pela trajetória individual e influenciada por fatores de ordem pessoal, social e profissional. Para Dubar (1997), a dimensão profissional da identidade está condicionada ao ambiente de trabalho, essa construção identitária não é linear, e constrói-se, desconstrói-se e reconstrói-se durante toda a trajetória profissional do professor, nas interações e experiências formadoras. Assim, “a identidade é um produto de sucessivas socializações”. (Ibid, p. 04)

A produção de identidades profissionais, segundo Canário (2005), confunde-se e sobrepõe-se a um processo largo e multiforme que abrange toda a

vida profissional. As situações de formação profissionais (inicial e continuada), a internalização dos valores do grupo de referência, enfim, a incorporação da cultura do magistério são fatores determinantes na constituição da identidade profissional.

Concebendo identidade profissional como:

[...] uma realidade que evolui e se desenvolve de forma individual e colectiva. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve ao longo da vida. A identidade não é um atributo fixo de determinada pessoa, mas sim um fenómeno relacional. O desenvolvimento da identidade ocorre no terreno do intersubjectivo e caracteriza-se como sendo um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo enquanto indivíduo enquadrado em determinado contexto. (Marcelo, 2009, p. 11)

Alguns elementos se articulam no processo de construção da identidade profissional, como, o modo de ingresso na profissão, a formação, a maneira como os professores encaram cotidianamente suas práticas, as relações que estabelecem com seus pares e seus alunos.

Esses elementos vão tecendo o processo de socialização e o professor vai adquirindo o *ethos* da profissão, e construindo sua identidade profissional. A socialização profissional docente se estabelece na intercessão entre o professor, sua formação e o seu meio profissional.

Na perspectiva de Dubar (1997), não há oposição entre a dimensão individual e coletiva da identidade, mas há uma articulação entre ambas. É essa intercessão que dá origem à construção das identidades sociais. Na articulação da dimensão biográfica (pessoal) com a relacional (social) é construída a trajetória social do sujeito.

Nas suas análises ele evidencia que:

A identidade não é mais do que o resultado simultaneamente estável e provisório, individual e colectivo, subjectivo e objectivo, biográfico e estrutural, dos diversos processos de socialização que, em conjunto, constroem os indivíduos e definem as instituições. (p. 105)

Nesse processo, o indivíduo se identifica com os valores da profissão e adquire o reconhecimento dos membros do grupo de referência, num esquema balizado por aprendizagens sociais e características pessoais.

Concebendo a socialização profissional como um percurso mediado pela formação, pelo partilhar dos saberes da profissão, pela aprendizagem entre pares, fica a pergunta: existe socialização profissional na Sala de Professores deste estabelecimento de ensino?

5.1. Sala de Professores: espaço de inusitadas interações

“O processo de estruturação do grupo começa por manifestar-se no modo como os espaços e as actividades escolares são apropriadas, em concreto, pelos professores.” (Caria, 2000, p. 278)

Ao realizar um balanço do estado da arte da profissão docente, em especial da socialização profissional dos professores, meu objeto de pesquisa, não encontrei nenhuma pesquisa em que a investigação partisse desse campo de estudo; com exceção de Telmo Caria (2000) que trabalhou em sua tese de doutorado com o tema da cultura profissional. Dentre os espaços escolares analisados em sua pesquisa inscreve-se a sala dos professores. Segundo ele, este espaço de coletivização docente é parte integrante e importante da cultura escolar, pois traduz o nível de interação e de aprendizagens entre pares.

Venho utilizando desde o início o termo sala **DE** professores, por que não sala dos professores? Porque, na realidade, ela não se destina somente aos professores. Neste colégio, ela é apenas uma sala. Não há apropriação desse espaço pelas professoras. Uma sala como quaisquer outras, para tudo e para todos. Ali encontramos uniformes e objetos perdidos pelos alunos, materiais que serão usados em projetos, roupas para doações, doces para distribuir na festa de São Cosme e São Damião, os presentes que serão distribuídos no Dia das Crianças e no Natal, etc. Muitas dessas coisas ficam espalhadas pelo chão, precisando que pulemos sobre elas para podermos nos deslocar de um lugar a outro.

Uma descrição mais detalhada da sala de professores foi realizada nos capítulos 2 e 4 deste trabalho.

Segundo Caria (2000), a sala de professores deveria ser um lugar privilegiado de coletivização do trabalho dos professores, e também de informalização e internalização das atividades deste grupo, entretanto o que foi observado é que este espaço é destituído do seu papel, descaracterizado da sua função, des-proprio do seu público.

Na verdade, esse espaço não se destina a promover o partilhar de saberes e experiências, tampouco oportuniza a integração social da profissão; também não se restringe só ao encontro dos docentes, e nem é reservado para assuntos propriamente pedagógicos, pois nele circulam e permanecem vários outros profissionais que compõem o quadro da instituição, não necessariamente ligados à estrutura técnico-pedagógica.

Fato determinado pelos dispositivos institucionais característicos do sistema empregado pela rede privada de ensino, que não favorece o desenvolvimento profissional. Assim, a sala de professores é um retrato da forma como a escola trata os professores e concebe o processo educativo.

Por essa perspectiva podemos afirmar que, a sala de professores é uma das expressões das condições de trabalho destes agentes e, certamente, tem impacto na construção de suas carreiras, ajudando a compor a lógica da instituição e do trabalho pedagógico nela realizado.

5.2. Socialização sim! Mas, profissional?

“O indivíduo nunca a constrói sozinho: ela depende tanto dos julgamentos dos outros como das suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é um produto de sucessivas socializações”. (Dubar, 1997, p.13)

A sala de professores era caracterizada por um entra e sai de pessoas – inspetores, porteiros, enfermeiras, equipe de limpeza, que entravam, conversavam, usavam os banheiros, bebiam um cafezinho, vendiam produtos Natura e Avon.

Podemos dizer que, era um espaço de comunhão de diversas “tribos” do colégio. Mas, com certeza, podemos afirmar que não se tratava de uma sala dos/para professores, tampouco pode ser considerada, a princípio, um *locus* de socialização profissional. De socialização sim! Mas, profissional?

Geralmente, as professoras se reuniam na sala de professores no horário do almoço, intervalo entre os turnos da manhã e da tarde. O momento onde se estabelecia maior interação entre as professoras.

Raramente, havia a permanência das professoras nos intervalos, quando acontecia a aula de inglês e educação física, lecionadas por outras professoras. A maioria permanecia na sua sala de aula ou quando decidiam ficar na sala de

professores não encontravam com seus pares. Em virtude de que, essas aulas tinham horário diferenciado para cada turma, assim como o momento do recreio das crianças.

Discutia-se de tudo um pouco, questões familiares e afetivas, os rumos das novelas, notícias de jornal, fofocas de revista, mas as questões pedagógicas eram silenciadas. Talvez, por instrução da supervisora, que advertiu as professoras quanto aos assuntos que poderiam ou não ser discutidos na minha presença.

Em raros momentos, por lapso, alguma professora resmungava alguma crítica ou tecia algum comentário sobre assuntos pedagógicos, geralmente nos momentos que se via sozinha comigo na sala, sem a presença dos colegas de profissão ou demais funcionários da escola. Principalmente, em relação às intensas correções de atividades e provas.

Em meu diário de campo, no espaço destinado às análises do campo, registrei:

Outro fato evidenciado a partir das observações é a divisão simbólica dos grupos em torno do que era elencado para discussão. Nos momentos em que se misturavam docentes, inspetores e equipe técnica as discussões eram estritamente relacionadas às questões familiares e afetivas. As discussões sobre novelas e críticas aos governos aconteciam na presença de inspetores e pessoal de apoio. Mas, as discussões de cunho pedagógico ocorriam somente nos raros momentos em que a equipe de docente se percebia sozinha comigo na sala, sem a presença dos demais funcionários ou da equipe técnica.

Pude observar em minha incursão no campo, que eram as professoras mais antigas ou as que trabalhavam em dois turnos as que permaneciam por mais tempo nesta sala. As professoras mais novas na escola tinham uma circulação mais pontual, geralmente para pegar algum material no escaninho ou para tentar acessar o portal da rede, coisa que dificilmente conseguiam em função da pouca memória virtual do computador e do serviço lento da internet.

Retomando a pergunta: existe socialização profissional na sala de professores deste estabelecimento de ensino?

Pelo fato de estarem num processo ativo e interativo com o ambiente social, essas professoras estão submetidas ao processo de socialização, como pessoas humanas. Entretanto, este espaço não se evidenciou como *lócus* de coletivização docente, como analisou Caria (2000) em sua tese de doutorado, nem

se constituiu como um ambiente de partilha de saberes e aprendizagens profissionais. Ao contrário de minha hipótese inicial, ele não potencializa o desenvolvimento profissional das professoras.

Entendendo-se o conceito de desenvolvimento profissional de Marcelo como:

[...] um processo individual e colectivo que se deve concretizar no local de trabalho do docente: a escola; e que contribui para o desenvolvimento das suas competências profissionais, através de experiências de índole diferente, tanto formais como informais. (2009, p. 07)

Se considerarmos que, o desenvolvimento profissional deve agregar uma prática reflexiva e dialógica entre pares, na busca de uma atitude permanente de indagação, buscando novos caminhos e (re)solução de conflitos; que é “um processo que se vai construindo à medida que os docentes ganham experiência, sabedoria e consciência profissional”(op. cit, p. 11). Então é verdadeiro afirmar que, esse processo não se consolidou neste estabelecimento de ensino.

Ao desapropriar as professoras da capacidade de inovação, de reflexão e ao minimizar o poder de decisão, de autonomia e de criação, impossibilitando um ambiente institucional mais colaborativo (Nóvoa, 1999) e menos coercitivo e prescritivo, esse colégio está reduzindo a possibilidade de desenvolvimento profissional das professoras.

5.3. O jogo social: solidariedade ou estratégia do jogo? O que une essas professoras?

“[...] a formação dos indivíduos contemporâneos não seria consequência redutível nem a um sistema exclusivo de determinações estruturais, nem ao simples jogo entre subjetividades.” (Setton, 2011; p. 22)

A permanência neste tipo de instituição está ligada aos laços afetivos que foram estabelecidos entre os pares durante os anos de convivência e de trabalho na instituição. Afinal, a maioria das professoras trabalha na escola há mais de cinco anos, um grupo na mesma faixa geracional. Soma-se a isso o fato de que, essas professoras têm benefícios extrínsecos como, plano de saúde oferecido

parcialmente pela escola, bolsa integral para os filhos e as constantes festividades oferecidas pela rede em datas festivas, na tentativa de minimizar as tensões.

É importante ressaltar que, neste colégio, todas as professoras estão na mesma faixa etária, a princípio, em igualdade de condições em termos de percurso profissional e formação, evidenciando que o processo de construção social da profissão se estabelece numa perspectiva intra-geracional e não inter-geracional.

Esse grupo se auto-estrutura não na partilha de saberes, mas na tentativa de se adequar ao contexto escolar, à cultura da escola em que estão inseridas.

As professoras se mantêm nesta rede como se estivessem engajadas em uma causa humanitária (Van Zanten, 2009). “Isso lhes permite dar ao trabalho o sentido de uma missão, que não está muito afastada de outros atores engajados na ação social junto aos pobres e às populações em situação precária.” (Ibid, p. 206)

A parceria que é observada entre essas professoras não se estabelece por um engajamento político e social à profissão, nem são estreitados, inicialmente, por seus afetos, mas pelo interesse comum de transcender as adversidades cotidianas e executar o trabalho como docentes.

Na realidade, estimular a uniformização do trabalho é uma excelente estratégia empresarial para aumentar a produtividade, sem a necessária vigilância constante do gestor. Assim, as responsabilidades são partilhadas, os funcionários sentem uma aparente liberdade, mas a dominação continua permeando todas as atividades. A complexidade deste tipo de relação garante a produtividade e promove um ordenamento harmônico das relações.

Efeito de um modelo performático de gestão, as inspeções, as avaliações dos colegas, o cumprimento dos prazos são constantes nesse ambiente profissional.

Cada vez mais operamos num complexo leque de cifras, indicadores de desempenho, comparações e competições - de tal forma que a satisfação da estabilidade é cada vez mais ilusória, os propósitos se tornam contraditórios, as motivações ficam vagas e a auto-estima torna-se instável. [...] Há cada vez maior evidência, por vezes trazida à tona deliberadamente, sobre a competição entre professores/as e departamentos. Há um concomitante declínio da socialização da vida escolar. (Ball, 2001, p. 110)

A estratégia de sobrevivência dessas professoras ao ambiente de trabalho é marcada pela necessidade de cumprir os prazos, os cronogramas, assim como,

suavizar a aspereza de uma rotina tensa e exaustiva marcada pela falta de autonomia e por um modo de socialização que não integra o repertório pedagógico da profissão docente, mas que visa à adequação ao contexto escolar específico, uma vez que não há, efetivamente, trabalho em equipe.

Como afirma Nóvoa (2009, p. 17):

Quanto mais se fala da autonomia dos professores mais a sua acção surge controlada, por instâncias diversas, conduzindo a uma diminuição das suas margens de liberdade e de independência. O aumento exponencial de dispositivos burocráticos no exercício da profissão não deve ser vista como uma mera questão técnica ou administrativa, mas antes como a emergência de novas formas de governo e de controlo da profissão.

Frente à desqualificação do trabalho docente, é necessário que os professores busquem mecanismos concretos no sentido de superar uma prática solitária, encontrando cúmplices e parceiros profissionais. Na tentativa de superar as insatisfações e frustrações, os sujeitos desta investigação estabelecem laços de cumplicidade e tentam trabalhar de forma uniforme e prescritiva. A necessidade de apoio de seus pares foi enfatizado por todas as professoras, como fica evidente em suas falas:

Se a gente não trabalhar em equipe o trabalho não rende, **a gente tem que trabalhar de mãos dadas. Se não trabalhar em equipe as coisas não dão certo** e os pais cobram da gente. **Uma ajuda a outra**, aqui há muita união entre a gente, uma ajuda a outra. [...] Porque, **apesar das angústias que a gente passa aqui, a gente vê todo mundo sorrindo**, tem essa troca. (Professora Doralice)

A equipe aqui é muito receptiva, eu falo porque eu vim transferida da Barra para cá e lá é outra realidade, e quando eu cheguei aqui eu fui muito bem acolhida, o grupo é muito fechado, **uma sempre ajuda a outra, é para fazer, então vamos fazer**. (Professora Helena)

Aqui a gente tenta dividir o máximo, né? Porque é uma equipe mesmo, né? Não adianta você querer fazer sozinha. É todo mundo junto! A **gente procura trabalhar igual**, até porque todo mundo é professor, né? E ninguém precisa mostrar que é melhor que o outro, né? A equipe é muito unida, **mesmo nas dificuldades a gente tá sempre unida**, a maioria, né? (Professora Cibele)

Acho que aqui o **clima é muito acolhedor**, o clima é diferente [...] **embora as dificuldades, eu percebo que trabalham satisfeitos**. Eu acho o clima aqui diferente, tem uma parceria. (Professora Silene)

Com certeza nós **aqui somos muito unidas**, é como **uma grande família**, uma apóia a outra, todos se ajudam.[...] A escola sempre orienta a gente a trabalhar em equipe, diz que **juntos somos mais fortes**. (Professora Leandra)

Provavelmente, é a capacidade adaptativa que as faz criar laços de solidariedade e cumplicidade com seus pares, e considerá-los mais do que colegas de profissão, membros de sua família. Na concepção de Van Zanten (2009), as dificuldades no exercício do ofício favorecem aproximações mais fortes entre os docentes, no sentido de escapar ao controle administrativo.

Trata-se, nesta perspectiva, de fugir à regulação institucional e aliviar as tensões cotidianas. Estabelecer laços afetivos é um dos traços dos *novos docentes*. Essa aproximação é favorecida, sem dúvida, pela proximidade etária das professoras.

Por outro lado, a dimensão relacional da atividade docente se sobressai à eficiência pedagógica. Segundo Dubet (2002), o professor tende cada vez mais a recorrer à sua personalidade, ao seu jeito de ser para dar conta dos desafios impostos pela escola, visto que, a formação profissional e as competências inerentes à profissão não os preparou para o exercício do ofício.

Nesta perspectiva, para além da aprendizagem de condutas e valores inerentes à profissão, essas professoras se unem buscando meios concretos de realização do trabalho. Apoiando-se nas suas experiências práticas, no seu jeito de ser, nos saberes básicos adquiridos em sua formação inicial.

Para Hargreaves:

O advento da pós-modernidade trouxe consigo um aumento da colaboração profissional e algum reconhecimento da necessidade de serem estabelecidos laços mais estreitos entre o desempenho profissional dos professores e a sua vida pessoal e emocional, a qual articula e motiva aquele desempenho. (1998, p. 83)

Mas é preciso enfatizar que, embora o clima de união e de parceria das professoras, a maioria dos discursos ressalta que a união não acontece por uma identificação entre pares ou como forma de socialização profissional, mas decorre, na realidade, de um mecanismo necessário para suportar as angústias, vencer as dificuldades e suportar a austeridade do sistema. O que as leva a trabalhar no mesmo ritmo, de forma uniforme e sempre igual.

Retirei alguns trechos que revelam a minha afirmação:

[...]. Porque, apesar das **angústias** que a gente passa aqui, a gente vê todo mundo sorrindo, tem essa troca. (Professora Doralice)

[...] mesmo nas **dificuldades** a gente tá sempre unida, a maioria, né? (Professora Cibele)

[...] embora as **dificuldades**, eu percebo que trabalham satisfeitos. (Professora Silene)

Van Zanten (2009) apresenta em sua pesquisa, nos colégios periféricos franceses, a influência do local de exercício profissional no processo de socialização dos professores, através deste trabalho foi possível detectar os elementos em ação na construção da identidade docente neste tipo de estabelecimento de ensino.

Questões como ausência de formação continuada, a permanência por muitos anos na mesma rede de ensino, a acomodação em relação ao sistema e no uso do manual, que exige menos trabalho na preparação das aulas, a vigilância constante da supervisão, que embora as prive da autonomia, também as absolve dos fracassos, são fatores que estão construindo a forma como essas professoras se relacionam com a profissão e concebem a prática docente.

Pesquisas evidenciam que, a busca de formação está intrinsecamente associada à progressão na carreira e ao desenvolvimento profissional dos docentes, e constitui um dos elementos responsáveis pela construção do processo de identidade docente.

No entanto, uma formação inicial “deficiente”, concluída em instituições privadas de ensino com baixo prestígio, é responsável pela crescente precarização do trabalho docente (MARIN, 2010), trazendo inúmeras consequências. A mais grave é o desconhecimento dos professores em relação ao seu trabalho, que impacta diretamente a construção da *profissionalidade* docente.

Essas professoras reclamam a perda de prestígio da profissão docente e a desvalorização do seu trabalho, por parte das famílias, acreditando na perspectiva de que no passado o ofício docente era mais reconhecido socialmente.

A afirmação da professora Leandra legitima o sentimento coletivo deste grupo profissional na instituição investigada:

O que nos assusta é a falta de valorização que a profissão vem recebendo por parte da sociedade [...]. É época que é saudosa é aquela que um professor era visto como alguém de prestígio e que merecia respeito, diferente de hoje, que é espancado, assassinado e processado por motivo muitas vezes fúteis.

Entretanto, o livro organizado por Mignot e Cunha (2003) que analisa as autobiografias de professoras durante o processo de difusão do ideário da Escola Nova evidencia que a realidade docente no início do século XX era bem semelhante ao sentimento vivenciado pelos sujeitos desta pesquisa, professoras do Colégio Nómos, no início do século XXI.

Os diários de campo examinados por Mignot (op. cit, p. 144-145) reforçam a imagem de que o exercício profissional também exigia sacrifícios e muita dedicação. Neste período, queixavam-se do salário reduzido e das extensas jornadas de trabalho, enfrentavam resistências e críticas dos diretores das escolas onde lecionavam, sendo muitas vezes hostilizadas pelos gestores, e também vivenciavam a relação de poder no espaço profissional.

A imagem que o professor constrói de si mesmo e integra a constituição de sua identidade profissional é compreendida também pelo processo de formação. Enfim, todas as experiências, os valores, as expectativas diante da atividade profissional, suas reflexões sobre a prática pedagógica são alavancadas pelos saberes construídos na formação inicial e continuada, e contribuem para a construção da identidade profissional docente e para o seu desenvolvimento profissional.

A percepção do professor em relação à sua prática integra a constituição de sua identidade profissional, que está em constante transformação a partir das experiências vivenciadas no plano social e individual. O sociólogo francês Claude Dubar (1997) concebe a identidade humana em articulação com as dimensões individual e coletiva, associada ao processo de intervenção dos indivíduos sobre si mesmos, de acordo com a cultura em que vivem.

Assim, o docente não teria uma única identidade profissional, mas o processo identitário seria construído a partir das múltiplas interações e experiências vivenciadas pelo professor no plano pessoal e profissional.

Numa perspectiva mais abrangente, podemos considerar que, a interação que se estabelece na sala de professores não potencializa o desenvolvimento profissional, mas suaviza os dispositivos institucionais de regulação e controle da prática docente. Uma vez que essas professoras não se apropriam desse espaço e, tampouco, se empoderam da sua profissão.

O tipo de parceria que se estabelece neste espaço tem como finalidade administrar conflitos, reduzir as tensões e preservar a harmonia no ambiente de trabalho.

Segundo Caria (2000, p. 282):

O convívio do grupo na sala de professores, que pode informalizar e coletivizar em maior grau todas as outras actividades, ao tornar as acções e discursos do grupo parte do fluxo do quotidiano escolar, sem necessidade de evidenciar tão claramente a natureza da sua apropriação simbólica, pois tudo aí é falado e eventualmente organizado com todos, dado que aí todos os professores permanecem um determinado tempo em presença dos outros; a sala de professores pode ainda promover a integração do “novo”, do “acontecimento”, do “caso” que é exterior e/ ou pouco familiar, tornando-o parte da vida interna da escola.

A interação do indivíduo com o trabalho não se estabelece só de forma técnica e cognitiva, há necessidade de se desenvolver uma competência relacional na busca de melhor interação com os pares e os diferentes agentes que atuam no campo profissional.

Considerando a perspectiva de Dubet (2002), que o trabalho sobre o outro assume uma dimensão naturalmente relacional e analisando o ofício docente neste colégio, posso afirmar que neste espaço profissional a atividade docente assume um carácter mais relacional e menos técnico. Esta capacidade de interagir com o outro, expressão da personalidade individual define, na realidade, um novo papel profissional docente.

Para Dubet, o trabalho sobre o outro é definido como:

[...] uma relação pura entre indivíduos, como um reencontro aleatório entre duas pessoas. O profissional é considerado um sujeito definido por suas qualidades pessoais, por suas convicções, por seu charme, por sua paciência, por sua

capacidade de escuta, todos esses ingredientes fazem a diferença e conferem ao trabalho sobre o outro sua característica verdadeiramente humana [...].(op. cit, p. 79)

(Tradução da autora)

Este sociólogo francês afirma que há um declínio do programa institucional na sociedade contemporânea, que, em sua concepção, não é uma crise, mas uma mutação. E questiona, na perspectiva do sujeito, (2002, p. 15): “O que lhes resta das identidades e das capacidades de ação quando fora do programa institucional?” (Tradução da autora)

Neste contexto, existe algo de inacabado na experiência social do indivíduo, porque não se estabelece uma adequação absoluta do sujeito (subjetivo) ao mundo social (objetivo). Nesta perspectiva, o indivíduo não é redutível a um único programa institucional. A construção identitária se constrói em suas múltiplas socializações, em diferentes momentos existenciais.

Considerando-se que, o processo de socialização ocorre durante toda a existência humana, essas professoras, certamente, por serem ainda jovens têm uma longa trajetória profissional.

A maioria das professoras afirma que deseja dar continuidade à sua formação. Atribuindo à formação uma das dimensões de desenvolvimento profissional e socialização docente, essas professoras estarão se constituindo em novas experiências formadoras e em novos espaços pedagógicos. O processo de socialização profissional poderá se promover em novos espaços de aprendizagem e convivência, em novas experiências partilhadas, em novos espaços de formação e no estabelecimento de novas relações entre pares.

Na perspectiva de Tardif e Raymond, “a socialização profissional refere-se a um processo de formação do indivíduo que se estende por toda a história de vida e comporta rupturas e continuidades.” (2000, p. 217)

Com certeza essa investigação não se encerra aqui, muitas salas de professores, ou dos professores, ainda precisarão ser mais bem investigadas na tentativa de explorar melhor as condições de trabalho, as concepções de professor, as hierarquias por segmento de ensino e os modos de socialização que vem sendo construídos, também neste espaço institucional.

Desvelar a profissão docente na perspectiva da socialização em distintos espaços de interação e não exclusivamente na sala de aula é uma possibilidade de compreender outros vieses construtores da identidade profissional docente, e de como se processa o desenvolvimento profissional.